

Entre vida, discurso e razão: a construção do ethos intelectual de Tomás de Aquino no século XIII

Between life, discourse and reason: the construction of Thomas Aquinas's intellectual ethos in the thirteenth century

Pablo Gatt

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Vitória, ES

gattpablo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2410-2645>

Recebido em: 3 de janeiro de 2026

Aceito em: 10 de maio de 2026

Resumo:

Esse estudo insere-se no contexto intelectual do século XIII, marcado pela consolidação das universidades, das ordens mendicantes e pela recepção do neoaristotelismo, tendo Tomás de Aquino como figura central desse processo. O problema da pesquisa consiste em compreender como as escolhas de vida do Aquinate, especialmente sua ruptura parcial com os projetos familiares, o ingresso na Ordem dos Dominicanos e sua atuação acadêmica, influenciaram a construção de seu ethos intelectual e discursivo. A finalidade é analisar a trajetória biográfica de Aquino articulada às condições sócio-históricas de produção de suas obras, em especial a *Summa Theologiae*. A revisão bibliográfica fundamenta-se em autores como Jean-Pierre Torrel, Dominique Maingueneau, Michel Foucault e estudos tomistas contemporâneos. Os resultados evidenciam que a biografia de Aquino não pode ser dissociada de sua produção teológica e filosófica, pois suas escolhas pessoais moldaram sua concepção de razão, fé e pessoa humana. Conclui-se que o ethos Tomista emerge da integração entre experiência de vida, prática intelectual e tradição cristã medieval.

Palavras-chave: Tomás de Aquino. Biografia Intelectual. Ethos Discursivo. Escolástica Medieval. Século XIII.

Abstract:

This study is situated within the intellectual context of the thirteenth century, marked by the consolidation of universities, the rise of mendicant orders, and the reception of neo-Aristotelianism, with Thomas Aquinas as a central figure in this process. The research problem consists in understanding how Aquinas's life choices, especially his partial rupture with family expectations, his entry into the Dominican Order, and his academic activity, influenced the construction of his intellectual and discursive ethos. The aim is to analyze Aquinas's biographical trajectory in relation to the socio-historical conditions that shaped the production of his works, particularly the *Summa Theologiae*. The bibliographical review is based on authors such as Jean-Pierre Torrel, Dominique Maingueneau, Michel Foucault, and contemporary Thomistic studies. The results show that Aquinas's biography cannot be separated from his theological and philosophical production, since his personal choices shaped his understanding of reason, faith, and the human person. It is concluded that the Thomistic ethos emerges from the integration of life experience, intellectual practice, and medieval Christian tradition.

Keywords: Thomas Aquinas. Intellectual Biography. Discursive Ethos. Medieval Scholasticism. Thirteenth Century.

Introdução

A figura de Tomás de Aquino ocupa um lugar central na história intelectual do século XIII, período marcado por profundas transformações no Ocidente medieval. A consolidação das universidades, a atuação das ordens mendicantes, em especial a Ordem dos Pregadores, e a ampla recepção do aristotelismo, mediada por traduções árabes e latinas, redefiniram os modos de produção do saber e as formas de articulação entre razão e fé. É nesse cenário dinâmico que se insere a trajetória de Tomás de Aquino, cuja obra teológica e filosófica não pode ser compreendida de modo dissociado de sua experiência biográfica, institucional e discursiva.

Apesar da vasta fortuna crítica dedicada ao tomismo, observa-se que muitos estudos tendem a privilegiar a dimensão doutrinal de suas obras, relegando a segundo plano as condições sócio-históricas e existenciais que moldaram sua escrita. Este artigo parte do problema de compreender como as escolhas de vida de Tomás de Aquino, sua ruptura parcial com os projetos familiares, o ingresso na Ordem dos Dominicanos, a vivência universitária em Paris e Nápoles e o trabalho intelectual coletivo, contribuíram para a construção de seu *ethos* intelectual e discursivo. Defende-se que tais elementos são constitutivos de sua produção teológica, especialmente da *Summa Theologiae*.

O objetivo do estudo é analisar a biografia intelectual de Tomás de Aquino articulada às condições históricas de produção de sua obra, mobilizando aportes da Análise do Discurso de linha francesa. A pesquisa fundamenta-se em autores como Jean-Pierre Torrel (1999), Dominique Maingueneau (2000; 2005; 2012; 2015, 2016) e Michel Foucault (1970; 2004), além de estudos tomistas contemporâneos. Argumenta-se que o *ethos* tomista emerge da integração entre experiência de vida, prática intelectual e tradição cristã medieval, oferecendo uma chave interpretativa relevante para a compreensão do pensamento escolástico no século XIII.

Inspirados pela perspectiva de Tomás de Aquino no século XIII, valorizam-se relatos biográficos que reconhecem a dignidade e singularidade da pessoa que narra sua história, trajetória e projetos, ressaltando suas experiências como expressão do ser e estar no mundo. Assim como Aquino defendia a centralidade da pessoa e a busca pelo sentido da existência, cada narrativa destaca o papel único do indivíduo em sua jornada.

No estudo das funções sociais e organizacionais, essa tradição intelectual, influenciada por Aquino, valoriza as histórias singulares de vida de pessoas e grupos,

reconhecendo nelas a manifestação da razão e da vontade, elementos fundamentais para a compreensão do humano segundo o filósofo medieval.

As abordagens biográficas, nesse contexto, consistem em relações éticas e consentidas entre pesquisadores e interlocutores, alinhadas à visão tomista de respeito à autonomia e à dignidade do ser humano. A construção de relatos ou narrativas biográficas, experiências de vida e trajetórias, histórias de vida ou etnobiografias são escolhas teóricas e conceituais inspiradas por uma diversidade de intelectuais, incluindo Tomás de Aquino, que contribuem para múltiplas interpretações dentro das comunidades disciplinares.

A ordem do discurso e os fundamentos do ethos tomista: entre Foucault, Maingueneau e a trajetória de Tomás de Aquino

Michel Foucault em sua aula inaugural no *Collège de France*, em 1970, desenvolveu a temática que hoje conhecemos como a *Ordem do discurso*. Segundo o pensamento do filósofo, em uma das temáticas discutidas naquela ocasião, há discursos que se configuram como fundadores. Foucault, ao analisar tal fenômeno, interpretou-os como discursos primeiros, os quais servem como pontos de partida para a gênese de outros comentários discursivos. Dessa forma, os discursos originários constituem a base de determinados atos de fala que, ao serem retomados em novos contextos, podem ser submetidos a processos de ressignificação ou preservação de sentido. Nessa perspectiva, os comentários produzidos evidenciam aspectos implicitamente articulados no texto de origem, uma vez que sua emergência é possibilitada por dinâmicas de ressignificação discursiva.

Dominique Maingueneau, ao abordar a temática desenvolvida por Foucault, acrescenta algumas considerações e incluiu a noção de discursos constituintes, como discursos porta-vozes, discursos últimos “[...] que conferem sentido aos atos da coletividade” (Maingueneau, 2012, p. 21). Portanto, a multiplicidade dos gêneros discursivos é assegurada pelo discurso constituinte, como discurso fiador de outros discursos (Charaudeau; Maingueneau, 2016, p. 126).

Os discursos constituintes podem ser heteroconstituente, ou seja, podem incitar demais discursos constituintes de outros campos em seu ato enunciativo, como Tomás

de Aquino, na *Summa Theologiae*, ao abranger os discursos filosóficos e religiosos. Do mesmo modo, esses discursos podem ser autoconstituente, ao desempenhar uma função constituinte de demais discursos, como os primeiros discursos religiosos acerca da identidade cristã que propiciam a base para os comentários de Tomás de Aquino perante o tema.

Nesses discursos constituintes observamos a função das dêixis discursivas, como a captação de uma enunciação anterior e que se institui a favor das dêixis atual. Na *Summa Theologiae* percebemos a utilização das dêixis discursivas por Tomás de Aquino quando o *Doctor Angelicus* recorre aos arquitextos das *Sagradas Escrituras*, dos Pais da Igreja e de demais autores da Antiguidade Clássica e Tardia, emergindo, assim, um discurso heteroconstituente.

Isso porque o discurso constituinte para Maingueneau, (2000, p. 10), não é um simples vetor de ideias, na medida em que “[...] ele articula, através do dispositivo enunciativo, textualidade e espaço institucional. Ele investe na instituição que o torna possível legitimando (ou deslegitimando) o universo social onde ele se inscreve”. Esse discurso fixa “[...] o *ethos* associado à sua cenografia e a seu código de linguagem” (Maingueneau, 2000, p. 10). É por esse modo que os Pais da Igreja construíram seus discursos e moldaram a identidade do sujeito cristão, assim como fará Tomás de Aquino na *Summa Theologiae* ao recorrer a esses discursos fundantes que, principalmente os contidos nas *Sagradas Escrituras*, construíram determinada cenografia e projetaram o *ethos* discursivo de cada autor.

Ao explicarmos detalhadamente a operação discursiva, não apenas ampliamos nossa compreensão sobre o tema, como também justificamos a importância de analisar os discursos presentes na trajetória de Tomás de Aquino. É justamente essa análise que permite identificar os mecanismos pelos quais o *ethos* cristão foi construído, considerando as decisões tomadas pelo *Aquinate* e os caminhos que o levaram a ser reconhecido como Doutor da Igreja. Explicar os discursos é fundamental porque revela como, para Aquino, a noção de pessoa está profundamente atrelada à visão de ser humano vigente no século XIII. Assim, investigaremos de que modo sua vivência familiar e a influência, ou ausência de influência, de seus parentes foram determinantes em sua escolha pela Ordem dos Dominicanos. Na sequência, examinaremos como seus primeiros contatos com o pensamento neoaristotélico e as repercussões dessas ideias influenciaram de maneira decisiva sua formação acadêmica na Universidade Medieval.

Em seguida, delinearemos o percurso de Aquino como educador, tendo em vista que a *Summa Theologiae* é a representação máxima do movimento da Escolástica, no qual “[...] se trata não apenas de uma filosofia ou método de ensino, mas de uma forma de os homens medievais se interpretarem” (Oliveira, 2013, p. 39). Desse modo, esta abordagem metodológica nos permitirá conceituar que esses discursos constituintes presente na *Summa Theologiae*, como discursos de origem, conferiram legitimidade ao universo social no qual o *Aquinate* estava inserido, contribuindo assim para a construção da identidade do sujeito cristão.

Essa análise detalhada das condições sócio-históricas e dos discursos constituintes que marcaram a trajetória de Tomás de Aquino prepara o terreno para compreendermos melhor os desdobramentos de sua vida pessoal e intelectual. Ao olharmos para sua biografia, veremos como essas influências se materializam em escolhas concretas, muitas vezes em contradição com as expectativas familiares e sociais de sua época.

A análise da trajetória de Tomás de Aquino exige uma abordagem criteriosa, pautada por leitura aprofundada, rigor metodológico e compreensão das múltiplas dimensões que compõem sua figura. Reconhecido como o principal expoente intelectual da Idade Média Central (séculos XI a XIII), Aquino não pode ser estudado de modo reduzido, restrito a um único enfoque — seja ele religioso, filosófico ou político. Pelo contrário, sua biografia demanda um olhar atento à complexidade das relações que o moldaram, considerando as interseções entre fé, filosofia, política e contexto social. Somente ao articular esses diversos aspectos é possível compreender Aquino em sua totalidade: como estudioso da fé, principal representante da Escolástica, membro relevante da Ordem dos Dominicanos e, sobretudo, como um agente cristão e intelectual que atuou de forma decisiva no cenário político e religioso do século XIII.

A trajetória intelectual de Tomás encontrou na razão filosófica as bases para uma justificação racional sobre Deus. Em sua obra, notadamente no tratado *De Deo Uno* (*ST*, I^a, q. 2, a. 3), Aquino propõe cinco argumentos, as chamadas *quinque viae*, que visam demonstrar racionalmente a existência de Deus. Essas cinco vias constituem um arcabouço lógico-metodológico pelo qual Aquino fundamenta que a razão humana é capaz de alcançar provas válidas da existência do divino, ainda que seus limites impedem uma compreensão plena da essência de Deus.

O método Tomista não representa uma ruptura, mas sim a continuidade de uma tradição intelectual que remonta a Filon de Alexandria (*De Plantatione*, 1963c, §18, p. 32; *De confusione linguarum*, 1963d, §94, p. 91; *De Somniis* 1962c, I, §§157-158, p. 89), e ganha corpo com os Pais da Igreja, especialmente Agostinho de Hipona (*De civitate Dei*, II, VIII, X; *De libero arbitrio*, II, 2, 6.). Nessa tradição, fé e razão são vistas como dimensões indissociáveis do saber, dialogando continuamente e sustentando-se mutuamente. A razão, ao explorar limites em conjunto com a fé, é ao mesmo tempo guiada e enriquecida pela fé, que lhe confere novos sentidos e direções. Desse modo, é a partir desse entrelaçamento que se constrói o caminho para compreender o mistério do divino, numa dinâmica em que ambas se iluminam e se complementam.

Diante dessa análise, é incorreto limitar Tomás de Aquino à condição exclusiva de filósofo ou teólogo. Sua trajetória revela uma personalidade multifacetada, que transita com profundidade por ambas as áreas, adaptando-se às demandas e desafios de cada contexto que enfrentou. Do mesmo modo, restringir sua vida apenas à atuação na Ordem dos Dominicanos, à Universidade Medieval ou à Escolástica é insistir em uma visão reducionista, pois, como evidenciado, todos esses caminhos se interligam e se potencializam em sua obra e legado.

Surge então, o desafio: de que forma abordar o estudo de Tomás de Aquino em toda a sua complexidade? Como ele se posicionou diante das tensões entre clérigos seculares e ordens mendicantes? De que modo conquistou a aceitação do uso da razão em meio aos debates sobre a fé e a Verdade revelada? Qual foi a recepção de seus contemporâneos ao seu diálogo com o pensamento neoaristotélico, considerado uma doutrina pagã oriunda da Antiguidade Clássica? Seria possível dissociar sua relevância intelectual de seu compromisso religioso sem incorrer em reducionismos? Esses questionamentos apontam para a necessidade de uma investigação aprofundada das condições sócio-históricas e do contexto de produção do pensamento tomista. É justamente a riqueza dessas indagações que faz de Tomás de Aquino uma figura emblemática do século XIII, cuja obra, especialmente a *Summa Theologiae*, reflete sua genialidade e o esplendor de seu pensamento. Ao buscar respostas para essas perguntas, compreendemos não apenas a grandeza de Aquino, mas também a importância de enxergá-lo em sua totalidade: um intelectual e agente cristão cujas escolhas e caminhos inovaram e transformaram o cenário filosófico, teológico e social de seu tempo.

Portanto, estudar Tomás de Aquino exige um olhar abrangente, atento às múltiplas dimensões que constituem sua vida e obra. Ao reconhecermos a intersecção entre fé, razão, tradição e contexto histórico em sua trajetória, somos convidados a aprofundar a análise sobre como o *Doctor Angelicus* construiu pontes entre saberes diversos, inaugurando um pensamento que permanece fundamental para a compreensão do Ocidente medieval e suas permanências até os dias atuais.

Uma trajetória contrária ao desejo familiar¹

Tomás de Aquino nasceu em 1225, no castelo de Roccasecca, situado no condado de Aquino, ao sul da Itália. Era o caçula de uma família nobre, condição que favoreceu significativamente o acesso a uma educação privilegiada². De acordo com os costumes sociais da época, esperava-se que o filho mais novo dedicasse sua vida à carreira religiosa. Por isso, ainda muito jovem, com apenas 5 anos, Tomás foi enviado em 1230 ao mosteiro de Monte Cassino para iniciar sua formação monástica. Ali permaneceu durante nove anos, até 1239. Aos 14 anos, seguiu para a Universidade de Nápoles (1239-1244), fundada por Frederico II (1194-1250), onde começou seus estudos nas áreas de Artes e Filosofia³.

Em Nápoles, durante seus estudos filosóficos, Tomás de Aquino teve acesso às obras de Aristóteles, o que foi um marco decisivo para sua formação intelectual. Naquela época, a circulação desses textos estava oficialmente proibida, mas, graças à influência de Miguel Scotus (1175-1232), matemático e conselheiro científico do imperador Frederico II, Aquino pôde conhecer esses escritos. Scotus, utilizando sua posição privilegiada, obteve os manuscritos e traduziu várias obras do árabe para o

¹ Gostaríamos de ressaltar ao leitor que a maioria das informações quanto à trajetória e biografia de Tomás de Aquino foram retiradas da obra *Iniciação a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e obra*, de Jean-Pierre Torrel (1999).

² Pouco se sabe acerca da infância de Tomás de Aquino devido à falta de fontes, mas sua trajetória pode ser encontrada na *Fontes vitae S. Thomae Aquinatis*, uma obra colaborativa, um *Corpus Thomisticum*, que envolveu pesquisadores dominicanos como Marie-Hyacinthe Laurent e Dominique Prümmer. Do mesmo modo, sua biografia foi escrita cinquenta anos após sua morte (1319-1323), por seu aluno e, posteriormente, biógrafo, Guilherme Tocco. A *Ystoria sancti Thome de Aquino* resulta das viagens realizadas por Tocco ao longo dos caminhos percorridos por Aquino, coletando informações de familiares, amigos e alunos, além dos milagres realizados pelo *Aquinate*.

³ Cabe ressaltar que a escolha em se mudar para Nápoles diz respeito ao contexto o qual Aquino esteve imerso. Isso porque houve embates entre o Papa Gregório IX e o Imperador Frederico II, sendo o mosteiro de Monte Cassino alvo desses conflitos.

latim, tornando-as acessíveis a estudantes como Tomás⁴. Além disso, o pensamento aristotélico já influenciava outros estudiosos da época, como Guilherme de Auxerre (1231), Roberto Grosseteste (1253) e Pedro da Irlanda, que viria a ser mestre de Aquino. Importante destacar que, mesmo não tendo conhecido pessoalmente alguns desses professores, Tomás foi beneficiado pelo ambiente intelectual permeado pelas ideias de Aristóteles e pelo movimento neoaristotélico. Esse contato, possibilitado pela rede de tradução e transmissão do saber, contribuiu para o refinamento do método de ensino adotado por Aquino na Universidade Medieval, tornando-o um expoente da integração entre tradição clássica e pensamento cristão (Torrel, 1999, p. 07).

Como vimos, Tomás de Aquino, ao longo de sua trajetória, esteve continuamente envolvido em decisões que refletiam não apenas a influência de seu contexto sócio-histórico, mas também tensões e expectativas familiares. Reconhecido como um dos maiores pensadores do período medieval, suas obras permeiam os campos da Filosofia, História e Teologia, sempre dialogando entre seu percurso acadêmico e seu compromisso com o caminho de Deus. Entretanto, ao analisarmos suas escolhas pessoais, percebemos que elas geraram alguns conflitos, como o episódio da prisão domiciliar em 1244, evidenciando o embate entre suas convicções e os interesses de sua família.

Antes de concluir sua formação na Universidade de Nápoles, Tomás surpreendeu a família ao tomar decisões que contrariavam as expectativas de sua linhagem nobre, que desejava vê-lo à frente do mosteiro de Monte Cassino. No último ano de seus estudos, em 1244, Aquino conheceu a Ordem dos Dominicanos, escolha que “[...] marca o início de uma série de conflitos entre Tomás de Aquino e sua família, pois vai em contradição com o desejo de seus pais em relação ao seu futuro” (Gatt, 2020, p. 386). Essa opção evidencia como as influências sociais e familiares podem se materializar em decisões concretas, muitas vezes em oposição ao que era esperado para sua condição e origem.

Assim, o embate envolvendo Tomás de Aquino e sua família insere-se em um contexto mais amplo, marcado pelo surgimento das Ordens Mendicantes, como Dominicanos e Franciscanos, que emergiram como resposta a um cenário de corrupção

⁴ Embora o Ocidente latino adquira maior conhecimento diante dessas obras somente após o ano mil, a cultura grega adentra ao mundo árabe a partir de 750 d.E.C., sendo Aristóteles o principal representante desse pensamento (Vaz, 1986).

na Igreja e ao acúmulo de riquezas pelas grandes catedrais entre os séculos XI e XII. Essas Ordens buscavam promover uma nova espiritualidade, contrapondo-se aos caminhos considerados inadequados da vida religiosa tradicional (Fortes, 2013, p. 31). Nesse processo de renovação, tornaram-se protagonistas na reorganização da sociedade medieval do século XIII, acompanhando o ressurgimento do comércio, o crescimento das cidades e a fundação das Universidades, elementos que conferem ao período um caráter marcadamente urbano.

Para Aquino, a Ordem dos Dominicanos representava o caminho ideal para consolidar sua formação. Fundada por Domingos de Gusmão (1170-1221), em 22 de dezembro de 1216, essa Ordem tinha como fundamentos a exegese das Escrituras e o incentivo à produção do conhecimento, sendo conhecida como Ordem dos Pregadores (Fortes, 2009, p. 116). O ingresso de Tomás ocorreu provavelmente em abril de 1244 (Torrel, 1999, p. 20), e os dominicanos eram reconhecidos como mestres na transmissão do saber e da fé cristã, zelando pela preservação e divulgação da mensagem da “Boa Nova”.

Dessa maneira, a entrada de Tomás na Ordem dos Frades Dominicanos não foi apenas uma atitude contrária às expectativas familiares, mas representou uma possível ruptura com seus valores de origem. Isso porque, segundo o costume e a ética moral da Ordem, os frades deveriam adotar o voto de pobreza, viajar a pé, andar descalços e viver em conventos (De Boni, 2018, p. 09). Esse estilo de vida contrastava profundamente com o padrão nobre de sua família. Antecipando possíveis conflitos, o superior da casa dominicana em Nápoles, temendo a reação dos parentes de Tomás, decidiu enviá-lo para Bolonha, onde ocorreria o capítulo geral da Ordem (De Boni, 2018, p. 09), dando continuidade ao movimento de sua trajetória em direção a uma vida marcada pela busca do saber e pelo compromisso com a fé cristã.

A mudança de Tomás de Aquino para outra cidade não foi suficiente para evitar as tentativas de sua mãe, Teodora, de fazê-lo abandonar a escolha pela Ordem dos Dominicanos. Ao tomar conhecimento do ingresso do filho na Ordem, Teodora foi até Nápoles com o objetivo de convencê-lo a desistir. Contudo, ao chegar à cidade, Tomás já havia partido para Bolonha, impedindo o reencontro. Persistente, Teodora contou com o apoio dos demais filhos e enviou os irmãos de Tomás para capturá-lo e trazê-lo de volta a Roccasecca. Assim, entre o final de 1244 e o verão de 1245, Aquino permaneceu em prisão domiciliar, sendo pressionado pela família para renunciar à vida dominicana.

Durante esse período, seus parentes chegaram a tentar persuadi-lo oferecendo-lhe uma prostituta, mas nenhuma dessas tentativas foi bem-sucedida. No mesmo ano, Tomás foi libertado e retornou a Nápoles (Torrel, 1999, p. 14). É relevante destacar que, apesar desse episódio, os laços familiares não foram rompidos. Aquino continuou a visitar seus parentes, especialmente suas sobrinhas e irmãs, preservando uma convivência cordial e amigável.

Após concluir sua formação inicial em Nápoles e ingressar na Ordem dos Dominicanos, Tomás de Aquino foi enviado a Paris por determinação de João, o Teutônico (1180-1252), mestre dominicano. Essa transferência marcou uma nova etapa em sua trajetória acadêmica e religiosa, conectando o ambiente intelectual de Nápoles, permeado pelas ideias aristotélicas, ao cenário universitário parisiense, onde Tomás aprofundaria seus estudos e consolidaria sua influência como pensador medieval.

Após superar os conflitos familiares e consolidar sua decisão pela vida religiosa na Ordem dos Dominicanos, Tomás de Aquino foi enviado a Paris, onde permaneceu até 1248. Nesse período, a cidade se destacava como um importante centro intelectual, abrigando um *studium generale*⁵ dirigido por renomados mestres em teologia e diversas áreas do conhecimento. Foi nesse ambiente dinâmico que Tomás concluiu seus estudos em Filosofia, tendo a oportunidade de conhecer Alberto Magno (1193-1280), que se tornaria seu mestre e grande influência em sua trajetória intelectual. Segundo De Boni (2018, p. 03), foi também em Paris que Aquino completou o ano de noviciado entre os Dominicanos, vivenciando intensamente o processo formativo e espiritual da Ordem. Assim, sua passagem por Paris não apenas consolidou sua base filosófica e teológica, mas também marcou a transição definitiva de Tomás para a vida religiosa, integrando o saber acadêmico às exigências e valores da nova vocação.

Após concluir sua formação inicial sob a orientação de Alberto Magno em Paris, Tomás de Aquino acompanhou seu mestre a Colônia entre 1248 e 1252, período em que residiu na cidade por quatro anos. A ida a Colônia foi motivada pela missão de Alberto Magno de fundar um novo *studium generale* na região. Nesse contexto, Tomás não

⁵ O *studium generale* localizava-se no interior de um mosteiro. Era local de estudo composto por estudantes de ordens religiosas de várias origens geográficas. É ao longo do século XIII que esses locais cederão espaço para a criação das Universidades, sendo mais abundantes na França, Portugal, Espanha e Itália. Nesses locais houve a presença de mestres mendicantes que ensinavam as sete artes liberais do *Trivium* e do *Quadrivium*, por meio da Artes, e, pelo menos, uma das disciplinas predominantes na época, sendo elas Teologia, Medicina ou Direito. Ao formarem-se esses jovens frades recebiam o título de mestre em filosofia e estavam aptos a serem docente em teologia.

apenas consolidou sua vocação religiosa, agora ordenado sacerdote após completar o noviciado dominicano, como também iniciou sua produção intelectual. De acordo com James Weisheipl (1974), foi em Colônia que o *Doctor Angelicus* redigiu sua primeira obra teológica, o *Comentário sobre Isaías* (1250), dando início a um percurso acadêmico que uniria fé e razão, marca essencial de sua trajetória.

Encerrada sua estadia em Colônia, Aquino retorna a Paris em 1252, onde permanece até 1259, aprofundando seus estudos e atuação na Universidade de Paris, um dos centros intelectuais mais dinâmicos da cristandade medieval. Em setembro de 1252, por indicação de Alberto Magno, Tomás assume a docência como *Baccalaureus Sententiarum*, ensinando o *Liber Sententiarum (LS)*, de Pedro Lombardo, obra fundamental para a formação teológica daquele período. É também nesse contexto que Aquino escreve *O ente e a essência (De ente et essentia, 1256)*, texto introdutório à *Metafísica* de Aristóteles, no qual aprofunda o entendimento do ser a partir da tradição filosófica e teológica, promovendo a conciliação entre fé e razão, um tema central desde os Pais da Igreja e que Tomás atualiza em sua filosofia. Escrever um tratado introdutório sobre a “[...] metafísica ou Filosofia Primeira, como a ciência do ente enquanto ente representava para o Doutor Angélico que a metafísica não estudava tipos particulares de entes, mas a natureza do ente” (Vicente, 2014, p. 181). Ainda em Paris, assume o posto de bacharel bíblico, cargo obtido também por influência do Papa Inocêncio IV, o que reforça sua crescente projeção acadêmica e eclesiástica.

A trajetória de Tomás ganha novo impulso quando, com cerca de 31 ou 32 anos, recebe em 1256 a *licentia docendi* (ou *venia legendi*), autorização que lhe conferia o direito de lecionar oficialmente (Torrel, 1999, p. 44). Tal concessão, regulamentada pelo Papa Alexandre III, normalmente era reservada a mestres com pelo menos 35 anos, mas a notável reputação acadêmica de Tomás fez com que uma exceção fosse aberta, reconhecendo seu destaque precoce nos círculos universitários (De Boni, 2018, p. 10). Assim, entre 3 de março e 17 de julho de 1256, Tomás profere sua aula inaugural na Universidade de Paris, sendo integrado ao corpo de mestres já em 1257, reconhecimento que contou com o apoio do rei Luís IX e do Papa Alexandre IV. Essa ascensão marca a consolidação de Tomás de Aquino como referência intelectual de seu tempo, unindo sua sólida formação filosófica ao vigor de sua vocação religiosa, e preparando o terreno para suas contribuições posteriores à Filosofia, Teologia e ao ensino medieval.

Enquanto membro do corpo docente de mestres em Teologia, Tomás de Aquino assumia funções essenciais: *legere*, *disputare* e *praedicare*. Essas obrigações eram atribuídas aos Doutores em *Sagradas Escrituras* (*doctores sacrae scripturae*) e, em especial, a função de discutir (*disputare*) se destaca, pois está diretamente relacionada ao método de escrita e organização da *Summa Theologiae*. Esta obra, conforme destaca Torrel, caracteriza-se por “[...] uma pedagogia ativa, na qual se procedia por meio de objeções e respostas a um tema dado” (Torrel, 1999, p. 71).

Durante sua permanência em Paris, Tomás de Aquino enfrentou resistentes opositores, pois as cátedras da Universidade eram divididas entre mestres oriundos das Ordens Mendicantes e mestres seculares, o que gerava tensões entre esses dois grupos. Nesse contexto, Guilielmi de Sancto Amore (1200-1272), líder dos mestres seculares, expressava preocupação pela perda de espaço para os mendicantes e, em 1256, publicou o *Tractatus brevis de periculis novissimorum temporum ex scripturis sumptus* (Calvário, 2011, p. 99), no qual criticava os mendicantes, classificando-os como membros de uma seita inferior e exigindo a exclusão de dominicanos e franciscanos das universidades.

Em resposta a esse conflito, Tomás de Aquino redigiu, no mesmo ano, o *Contra impugnantes Dei cultum et religionem* (1256), obra em que, em dois volumes, refutava os argumentos apresentados por Guilielmi de Sancto Amore ao mesmo tempo em que exaltava a Ordem dos Dominicanos. Utilizando fontes semelhantes às de seu opositor, Aquino defendia que os princípios das Ordens Mendicantes eram plenamente compatíveis com o ensino universitário, pois a defesa da mendicância representava uma filosofia de vida fundamentada no estudo e na contemplação. Assim, para os mendicantes, o ensino não era um meio de subsistência comum, mas sim uma forma de pregar a Palavra de Deus, o que justificava sua gratuidade: “Para os mendicantes o ensino não seria uma forma de ganhar a vida, não era um trabalho como os outros, mas, uma forma de pregar a Palavra de Deus e, por isso, não poderia ser cobrado, mas, gratuito” (Coelho, 2019, p. 378). Por outro lado, Sancto Amore argumentava que essas ordens, ao receberem doações financeiras, já detinham certo *status*, e por isso não necessitariam de remuneração por suas funções nas universidades.

Nesse contexto de disputas e críticas à atuação dos mendicantes, Tomás de Aquino defendeu que a mendicância não era pecado, pois via nesses religiosos verdadeiros amigos e conselheiros dos fiéis, responsáveis pelo cuidado espiritual da comunidade. Em contraposição, Guilielmi de Sancto Amore os considerava loucos e

interesseiros, motivados apenas pelos bens recebidos de pessoas influentes. Para Aquino, entretanto, a pregação por meio da mendicância era legítima, já que os monges, ao zelar pelas almas dos indivíduos, mereciam as esmolas recebidas. O serviço prestado justificava esse recebimento, estabelecendo uma relação de troca baseada no cuidado espiritual e na docência universitária, prática que Tomás considerava natural e relevante para o bom funcionamento da sociedade medieval. Dessa forma, a mendicância tornava-se uma ferramenta importante para o bem comum, sendo reconhecida também como uma nova modalidade de trabalho no contexto citadino do Centro-Medievo, voltada ao sustento tanto dos frades quanto do desenvolvimento intelectual, pois o estudo, a pregação e o ensino eram atividades do intelecto (*ST, I^a, q. 79, a. 1*). O desenrolar dessa controvérsia culminou com a condenação e o exílio de Guilielmi de Sancto Amore, decretados pelo Papa Alexandre IV em Anagni, em 5 de outubro de 1256.

Após esse episódio marcante, Tomás de Aquino seguiu sua trajetória ativa e multifacetada, demonstrando não apenas dedicação à vida acadêmica, mas também ocupando distintos cargos de direção entre os Dominicanos e organizando os estudos da Ordem. Em 1259, dirigiu-se a Valenciennes, local do capítulo geral dos Dominicanos, onde, segundo De Boni (2018, p. 10), permaneceu por quase uma década transitando entre territórios italianos (1259-1268). Nesse período, atuou como assessor da cúria papal e pregador, exigindo constante deslocamento. Especificamente entre 1259 e 1261, Tomás esteve em Nápoles revisando os dois primeiros capítulos da *Summa contra gentiles*⁶, iniciada em Paris, utilizando para isso a *Vetus*, tradução anônima da *Physica* de Aristóteles do grego para o latim (Torrel, 1999: 119).

Posteriormente, entre 1261 e 1265, residiu no convento dominicano em Orvieto, onde concluiu essa obra e ministrou aulas aos frades. No mesmo período, assumiu o

⁶ O conteúdo da *Summa contra gentiles* (1265) é diferente do exposto na *Summa Theologiae* (1273). Como o próprio nome já menciona, a obra fora escrita para combater os erros daqueles que professam contrariamente à Verdade cristã, os gentios. Nesse sentido, os islâmicos, os judeus, os cátaros, os hereges em si, inclusive os movimentos heterodoxos no interior do próprio Cristianismo, são os alvos principais a serem combatidos. Isso porque ao citar *Deuteronômio* 6, 4: “*Audi Israel: dominus Deus tuum unus est*” / “Ouve Israel! O senhor, teu Deus, é o único”, Tomás confirma que só existe um único Deus, e, desse modo, uma única religião verdadeira. Assim, os demais cultos são falsos, antagônicos à verdade da fé cristã, *veritate fidei christianae*. Portanto, tal obra fora escrita no intuito de empreender uma cruzada contra esses homens, adversários da fé cristã, *fides crhistiana*, considerando-os como membros de seitas errôneas, *sectas errorum*. Por sua vez, a *Summa Theologiae* foi escrita para ser utilizada nos âmbitos das Universidades Medievais, como um resumo de toda a Teologia de Tomás de Aquino. É a representação máxima do método e modelo de ensino medieval, a Escolástica. Sendo assim, a primeira obra é de uso externo e a segunda de uso interno.

posto de assessor da cúria papal romana, sob o Papa Urbano IV (1195-1264), e produziu outros escritos relevantes, como o *Contra errores Graecorum*, parte da *Catena aurea* e o *Comentário ao livro de Jó* (Torrel, 1999: 165). Assim, a defesa da mendicância e o engajamento intelectual de Aquino revelam não apenas sua visão sobre o papel social dos frades, mas também sua intensa atuação no cenário religioso, acadêmico e administrativo da época, integrando teoria e prática em sua trajetória.

Após sua estadia em Orvieto, Tomás de Aquino seguiu para Roma em 1265, onde permaneceu até 1268 (Torrel, 1999, p. 168). Nesse período, fundou um *studium personale*⁷, com o objetivo de formar futuros frades dominicanos. Em Roma, também concluiu o *Comentário ao De Anima* (322 a.E.C.), de Aristóteles. Diante das dificuldades que seus alunos enfrentavam para interpretar o *Liber Sententiarum*, as *Sentenças* de Pedro Lombardo, Aquino compôs um texto de apoio, que viria a dar origem à *Summa Theologiae*. Assim, o *Doctor Angelicus* buscava contribuir para a tradição dos manuais de sua ordem, ao mesmo tempo em que pretendia suprir uma necessidade mais evidente: oferecer à teologia moral uma base dogmática sólida, como destaca Torrel (1999, p. 170).

Embora tenha iniciado a elaboração da *Summa Theologiae* em Roma, a conclusão da primeira parte da obra, a *Prima Pars*, só ocorreu em 1269, após o retorno de Aquino a Paris. Essa volta tinha como motivação o desejo de intervir no debate entre filósofos e teólogos sobre a aceitação do pensamento aristotélico na Universidade parisiense. Assim, o terceiro retorno de Aquino a Paris (1268-1272), quase dez anos depois, reflete seu propósito, por meio da *Summa Theologiae*, de “aprofundar o vínculo da filosofia com a teologia, sem mais opô-las uma à outra, mas interiorizando-as reciprocamente” (Gilbert, 1999, p. 138).

Foi em Paris que o *Aquinate* concentrou esforços na redação de grande parte da *ST* e, nessa mesma cidade, produziu a *Tabula libri Ethicorum* em 1270, obra em que comenta a *Ética* (349 a.E.C.) de Aristóteles. Esse trabalho contribuiu para o início da segunda parte, a *Secunda Pars* da *Summa Theologiae*. Dessa forma, percebe-se que Aquino não apenas recorre aos arqutextos das *Sagradas Escrituras*, mas também aos de Aristóteles, construindo um discurso heteroconstituente inserido em um interdiscurso,

⁷ Diferentemente do *studium generale*, no *studium personale* o mestre escolástico possuía maior liberdade, podendo lecionar um programa de estudos que lhe bem coubesse. Geralmente estavam localizados no interior dos *studium generale*, nos arredores das Universidades Medievais.

pois resultou em produções tanto filosóficas quanto religiosas. Nesse contexto, multiplicaram-se os comentários a Aristóteles, de modo que “o pensamento do aquinatense constituiu uma fase essencial na tomada de consciência que a teologia teve de si mesma” (Gilbert, 1999, p. 122).

A data exata em que Tomás de Aquino iniciou a redação da segunda parte da *Summa Theologiae* permanece objeto de debate entre estudiosos. No entanto, conforme aponta Torrel (1999, p. 172), há consenso de que a conclusão da *Pars Secunda Secundae* ocorreu em 1271, em Paris. Já no ano seguinte, ainda na capital francesa, Aquino redigiu as primeiras 25 Questões da *Tertia Pars*. Contudo, em 1272, mudou-se para Nápoles com o objetivo de lecionar em um *studium generale* da Ordem dos Dominicanos, demonstrando seu contínuo envolvimento com a formação intelectual e religiosa dos frades. É apenas no ano seguinte, em 1273, que o *Aquinate* finaliza as demais 65 Questões da terceira parte, além de dedicar-se à elaboração de comentários sobre alguns *Salmos* e às *Epístolas* de Paulo. Dessa forma, percebe-se que o processo de elaboração da *Summa Theologiae* se deu de maneira contínua e integrada à sua atuação como docente e intelectual, articulando-se com os acontecimentos e deslocamentos de sua trajetória. Essa dinâmica evidencia não só o amadurecimento de Aquino como pensador, mas também a inseparável conexão entre sua produção teológica e o contexto acadêmico e eclesiástico do século XIII, preparando o terreno para o reconhecimento que a obra viria a alcançar posteriormente, conforme será abordado no parágrafo seguinte.

Dessa forma, a *Summa Theologiae*, originalmente concebida por Tomás de Aquino como um apoio pedagógico para facilitar o estudo dos seus alunos diante das dificuldades encontradas na interpretação das *Sentenças* de Pedro Lombardo, revela-se, hoje, como a principal expressão do pensamento tomista. Tal obra, iniciada em Roma em 1265, foi desenvolvida em sintonia com os debates acadêmicos e teológicos do período, especialmente durante sua redação em Paris, entre 1268 e 1271, e posteriormente finalizada em Nápoles, em 1273, com a escrita das últimas 65 Questões. No entanto, Aquino no “[...] início de dezembro de 1273, contou a Reginaldo de Piperno, seu secretário, que tivera uma visão do céu e, depois disso, compreendeu que tudo o que escrevera era palha a ser queimada. E após este acontecimento nada mais escreveu” (De Boni, 2018, p. 11).

Assim, percebe-se que a *Summa Theologiae* integra-se à trajetória intelectual e docente de Aquino, conectando-se ao contexto universitário, às disputas entre ordens religiosas e à evolução da Escolástica, evidenciando não apenas seu propósito educativo, mas também o amadurecimento de sua obra como síntese do diálogo entre fé e razão ao longo dos diferentes momentos de sua vida e atividade acadêmica.

Após o episódio em que Tomás de Aquino, tomado por profundo desânimo após sua visão mística, interrompeu definitivamente sua produção intelectual, sua trajetória chegou ao fim em 7 de março de 1274, no mosteiro cisterciense de Fossa Nova, enquanto se dirigia ao Concílio Geral de Lyon. O que hoje conhecemos como a parte final da *Summa Theologiae*, o chamado *Supplementum*, foi elaborado por seus discípulos, baseando-se em comentários ao *Liber Sententiarum* de Pedro Lombardo, tema central dos debates de Aquino com seus alunos tanto na Universidade de Paris quanto nos *studia generalia* por onde passou (Torrel, 1999, p. 183).

A obra de Tomás de Aquino revela uma trajetória intelectual marcada por cinco grandes momentos: inicialmente, os comentários bíblicos, como o *Comentário sobre Isaías* e o *Comentário ao livro de Jó*; em seguida, a análise do *Liber Sententiarum* (LS) de Pedro Lombardo e do *corpus aristotelicum*. Posteriormente, dedica-se às *Questões disputadas*, abordando temas como virtudes morais, a alma e a Verdade. Em um quarto momento, retoma o estudo de Aristóteles com obras como *De ente et essentia* e *Sobre a eternidade do mundo*. Por fim, dedica-se às *Summas*, síntese de sua maturidade intelectual, em que promove o diálogo entre a filosofia neoplatônica e aristotélica e a teologia cristã, articulando *ratio* e *revelatio*. Esse entrelaçamento entre o horizonte espiritual e os textos clássicos resulta nas grandes obras *Summa contra gentiles* e *Summa Theologiae*, guiadas pelo princípio de que a fé busca o entendimento (*fides quaerens intellectum*).

Os últimos anos de vida do *Aquinate* foram marcados por reclusão e amadurecimento, revelando um frade reservado, porém sempre cordial e compreensivo (Torrel, 1999, p. 326). Suas constantes viagens e o contato com diversos centros do saber permitiram-lhe imergir numa circularidade de ideias que culminou, entre outros feitos, na liberação dos estudos sobre o *corpus aristotelicum* nas Universidades Medievais. Assim, a história de Tomás de Aquino está indissociavelmente ligada à própria trajetória das Instituições de Ensino Superior do período, tornando-se impossível abordar seu pensamento sem considerar o contexto universitário medieval.

Ambas as cronologias se cruzam e se complementam, pois foi esse percurso que consolidou a importância e o legado do *Doctor Angelicus*: canonizado em 18 de julho de 1323 pelo Papa João XXII, e proclamado Doutor da Igreja em 1568 pelo Papa Pio V, por iniciativa *Motu proprio*.

Desse modo, a trajetória e a obra de Tomás de Aquino se impõem como síntese do diálogo entre fé, razão e contexto acadêmico, tornando-se referência fundamental tanto para a filosofia quanto para a teologia ocidentais. Sua produção, permeada por diferentes fases e desafios, permanece como legado atemporal, integrando reflexão intelectual, compromisso religioso e a consolidação de uma tradição universitária que influencia até hoje a cultura ocidental.

A construção discursiva do *ethos* tomista

O percurso traçado até aqui permitiu delinear uma genealogia dos acontecimentos e dos contextos que moldaram a figura de Tomás de Aquino. Ao longo dos parágrafos apresentados, percebe-se que cada aspecto da vida do *Aquinate* foi analisado em relação a diferentes âmbitos de sua trajetória intelectual, acadêmica e religiosa. Esse estudo prévio dos acontecimentos, aliados ao exame do ambiente universitário e dos debates teológicos nos quais esteve inserido, oferece o suporte necessário para, neste ponto, abordar de forma mais profunda a construção do *ethos* tomista, conectando as dimensões biográficas, históricas e discursivas de sua obra.

Ao compreendermos o *ethos* discursivo como a imagem que o autor constrói de si mesmo em sua produção textual, torna-se evidente que essa imagem emerge não de aspectos isolados, mas da interação entre os elementos sociais, culturais e institucionais de sua época (Amossy, 2005, p. 127). Assim, o estudo da trajetória de Tomás de Aquino, articulado ao desenvolvimento das Universidades e à criação das Ordens Mendicantes, revela como essas transformações moldaram a constituição do seu *ethos* discursivo, pois são esses fatores que permitem compreender de maneira mais abrangente a singularidade do pensamento tomista e sua inserção em debates filosófico-teológicos.

O ingresso de Tomás de Aquino na Ordem dos Dominicanos e sua formação como mestre escolástico evidenciam uma identidade pensada a partir dos ensinamentos

das *Sagradas Escrituras*, mas também profundamente marcada pelas condições sócio-históricas de sua época. Não se trata, portanto, de separar as vias da tradição religiosa, da filosofia e do contexto histórico, pois as obras do *Aquinate* se erguem justamente na confluência desses elementos. Ao unir essas perspectivas, torna-se possível compreender a construção do *ethos* tomista como resultado de uma articulação complexa entre a experiência pessoal, o ambiente intelectual e as demandas culturais de seu tempo, o que confere à sua produção um caráter singular e duradouro.

Tomás de Aquino e sua trajetória são elementos significativos desse processo, tanto de constituição de um grupo, quanto da tomada de consciência desse grupo sobre si mesmo: desde sua posição em relação à querela dos anos 1250, passando pelo posicionamento contra os Averróistas, na década de 1270 e, mesmo após sua morte, no evento das condenações de 1277 (Teixeira, 2014, p. 167).

Para dar continuidade à análise sobre o modo como se constrói o *ethos* de Tomás de Aquino, é fundamental investigarmos como o próprio autor se posiciona em suas obras diante das diversas temáticas abordadas. Tal perspectiva revela que, a partir dos textos produzidos sob o método escolástico, os homens da época encontravam instrumentos para compreender a si mesmos e o mundo que os cercava. Ademais, como exposto anteriormente, o uso desses textos permite observar o posicionamento discursivo de Aquino, uma vez que “[...] escrever é, portanto ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. E isso significa [...] uma maneira de se oferecer seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo” (Foucault, 2004, p. 156).

Nesse sentido, os conteúdos do *ethos* discursivo tomista está profundamente relacionado aos sistemas normativos vigentes em sua época, constituindo efeitos da cultura escolástica e refletindo o contato com o neoaristotelismo advindo do Oriente, além de dialogar com valores herdados do Cristianismo dos primeiros séculos. Essa articulação reforça a compreensão de que o pensamento de Tomás de Aquino emerge da interação entre aspectos sociais, culturais e institucionais, o que evidencia a singularidade e a permanência de sua obra na tradição filosófico-teológica ocidental.

Nesta análise, tomamos como referência os pressupostos da Análise do Discurso de Linha Francesa, segundo os quais a noção de *ethos* está ancorada no conceito de *ethos retórico* da Antiguidade Clássica. Tal conceito entende o *ethos* como mecanismo

de autoridade e persuasão, sendo, conforme Cícero (*De oratore*, I. V. 17-19), a postura do orador manifesta tanto em seu *ethos* quanto em sua relação intrínseca com o *pathos*. Como destaca Santos (2017, p. 94): “Então, à medida que o orador expõe o seu discurso, também as marcas de seu caráter são mostradas diante dos ouvintes”. A partir dessa perspectiva, assumimos que o *ethos* discursivo se revela por meio da discursividade: “[...] ao enunciar, o locutor constrói sua própria imagem em função da que ele constrói do leitor, e nesse aspecto, o enunciador se apropria de representações sociais valorizadas pelos seus interlocutores” (Santos, 2017, p. 92), sendo essa dinâmica perceptível no próprio tecido textual do discurso. Complementarmente, Patrick Charaudeau (2006, p. 115), expoente da AD, define o *ethos* como um entrecruzar de olhares: “[...] olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira que ele pensa quem o outro vê”.

A partir dessa articulação de olhares, os textos de Tomás de Aquino revelam uma visão de mundo construída a partir de uma experiência multidisciplinar, abrangendo os campos filosófico, político e religioso. Isso faz do *Doctor Angelicus* uma figura singular do século XIII. Sua interlocução com textos islâmicos e a incorporação das obras aristotélicas em um contexto europeu cristão conferiram pluralidade à sua imagem e compuseram o seu *ethos* discursivo. De acordo com Dominique Maingueneau (2005, p. 69), “[...] a noção de *ethos*, além da persuasão por argumentos, permite, de fato, refletir sobre o processo mais geral da adesão de sujeitos a certa posição discursiva”. Assim, a construção do *ethos* tomista, perpassada por diferentes ambientes e experiências culturais, buscou legitimar sua atuação em múltiplos cenários de enunciação. Vale notar, ainda conforme Maingueneau (2005, p. 70), que o discurso é capaz de flexionar distintos significados para um mesmo *ethos*. Portanto, é precisamente nas entrelinhas da *Summa Theologiae* que se torna possível analisar como Tomás de Aquino construiu seu *ethos* discursivo e de que modo o projetou para os cristãos do século XIII.

Para compreender o *ethos* tomista, tomamos o século XIII como eixo central da vida e obra de Tomás de Aquino, ainda que as mudanças profundas que caracterizam esse período tenham raízes em épocas anteriores. Foi nesse contexto de intensa efervescência intelectual e política que Tomás de Aquino estruturou sua concepção educacional, baseada na premissa antropológica *anima forma corporis*, ou seja, na unidade do ser humano por meio da união entre alma e corpo (*ST* , *I*^a , q. 75, a. 4). É

importante destacar ao leitor que iniciaremos a análise do *ethos* tomista por esse princípio, pois ele será fundamental para a compreensão da dimensão ética.

Ao sustentar a doutrina de *anima forma corporis*, Tomás de Aquino se opôs tanto ao discurso da negação do corpo vigente em sua época quanto à concepção aristotélica, que via alma e corpo como uma única substância (*Metafísica*, Liv. VIII, 6, 1045a15). Ao considerar a alma como substância e o corpo como matéria (*ST, I^a*, q. 75, a. 5), o *Aquinate* percorreu caminhos desafiadores, visto que tal associação era tida como perigosa para um cristianismo que desprezava a matéria e o corpo; a doutrina teológica predominante, à época, adotava uma visão excessivamente espiritualista do ser humano” (Lauand, 2012, p. 12).

Ao retomar essa discussão iniciada pelos Pais da Igreja o discurso tomista prosseguiu com a defesa de que a alma necessita do corpo para alcançar o seu fim, pois “[...] de modo semelhante (isto é, o que está na alma como matéria) é o intelecto (possível), no qual toda as coisas se tornam inteligíveis” (*SCG*, Livro II, Cap. LXVIII, 1)⁸. Nesse arranjo sobre as particularidades da alma o *Aquinate* concebeu a inteligência como o instrumento educativo para o alcance da Verdade, em que o “[...] bem e a verdade estão presentes como potência por toda a vida de cada homem e determinam suas ações, na medida em que são apreendidos” (Boveto; Oliveira, 2021, p. 32).

Segundo Tomás de Aquino, cabe ao homem a responsabilidade por suas próprias escolhas, sendo que os meios para se alcançar a Verdade não são definidos *a priori*, mas devem trilhar o caminho da ética (*ST, II^a-II^{ae}*, q. 53 a. 1), sempre partindo daquilo que é sensível e imediato ao ser humano (*ST, I^a*, q. 1, a. 5). Assim, no que diz respeito à conduta dos indivíduos e à formação dos mestres escolásticos, o campo ético e a responsabilidade diante do outro são inerentes ao *ethos* do século XIII, pois o “[...] *ethos* é uma atividade própria do ser humano, que contempla a identidade do homem e sua cultura e, por isso, revela sua dimensão holística” (Silva; Teixeira, 2011, p. 41).

Nesse universo educacional, o *Doctor Angelicus* sustentou que a prática pedagógica é um incentivo à fé e deve ser compreendida como a certeza de que o bem e a Verdade existem, sendo possível ao homem apropriar-se de ambos. Seu *ethos* discursivo evidencia o valor do ensino, tanto pela vivência ativa na temporalidade, a partir do sensível, quanto pelo aspecto contemplativo da eternidade (*ST, II^a-II^{ae}*, q. 179;

⁸ No original: “*Et huiusmodi quidem, scilicet quod in anima est sicut materia, est intellectus (possibilis) in quo fiunt omnia intelligibilia*” (*SCG*, Livro II, Cap. LXVIII, 1). Tradução Livre.

ST, II^a-II^{ae}, q. 180; *ST, II^a -II^{ae}*, q. 181). Para Tomás de Aquino, ambos os processos devem ser realizados por meio de reflexões, com o objetivo de promover uma vida ética em sociedade. É importante esclarecer ao leitor que essa liberdade, para o *Aquinate*, não significa libertinagem, mas sim o exercício das virtudes que conduzem ao fim último, sendo que o “[...] fim das virtudes morais é o bem humano” (*ST, II^a-II^{ae}*, q. 47 a. 3). Quanto ao sensível, esse “[...] voltar-se para o concreto, para o sensível, marca profundamente não só a pedagogia, mas é mesmo uma chave de interpretação de todo o pensamento de Tomás de Aquino” (Lauand, 2012, p. 13).

Essa investigação quanto à percepção ética do *Aquinate* novamente revela que o domínio do sensível constitui parte do pensamento tomista, visto que “[...] o conhecimento humano é mais forte relativamente às coisas sensíveis” (*ST, II^a-II^{ae}*, q. 49, a. 1)⁹. Assim, o conhecimento ético é elemento “[...] inseparavelmente social e individual. É uma realidade sócio-histórica. Mas só existe, concretamente na *práxis* dos indivíduos; e é essa *práxis* que deixa seus traços nos documentos e testemunhos que nos permitem o acesso à fisionomia própria de um determinado *ethos* histórico” (Lima Vaz, 1999, p. 38).

Enquanto mestre escolástico, Tomás de Aquino enxergava no método escolástico a manifestação de uma força intelectual, um movimento do pensamento voltado à instrução e à formação do ser humano, cujas potencialidades são, desde a filosofia antiga, consideradas superiores, divinas ou mesmo transcendentais (Boveto; Oliveira, 2021, p. 26). Tanto que, na Questão 79 da *Prima Pars*, artigo oitavo, afirmou que “[...] o raciocínio humano avança, seja pelo método da investigação ou da descoberta, a partir de certos conhecimentos tidos como absolutos, os chamados primeiros princípios”.

Quanto à formação ética e moral, o *ethos* discursivo tomista propõe que o ser humano deve se submeter à ideia de que somente Deus ocupa a posição máxima no ato de ensinar, como reiterado diversas vezes ao longo da *ST* (*ST, II^a-II^{ae}*, q. 179; *ST, II^a-II^{ae}*, q. 180; *ST, II^a-II^{ae}*, q. 181). Para Aquino, Deus é o detentor da Verdade, o mestre supremo, cabendo ao homem atuar como colaborador e facilitador no processo de alcançar essa Verdade.

Dessa perspectiva do *ethos*, depreende-se que a relação entre os seres humanos e destes com a natureza é uma etapa do caminho para a visão beatífica. O próprio Tomás

⁹ No original: “*quia cognitio humana est fortior in rebus sensibilibus*” (*ST, II^a-II^{ae}*, q. 49, a. 1). Tradução livre.

de Aquino assumiu a função de mestre em virtude de sua participação na ordem divina, exercendo o papel de quem “[...] exorta, orienta, indica caminhos, ensina sobre as ferramentas que podem tornar o estudante apto a buscar a luz do *logos*” (Boveto; Oliveira, 2021, p. 32). Assim, a construção de seu *ethos* discursivo evidencia a fé no *Logos*, a Palavra primordial.

Sob uma abordagem ampliada, Tomás de Aquino, conforme os parâmetros estabelecidos por Jacques Le Goff em *Os Intelectuais na Idade Média* (2003, p. 25-26), se destaca não apenas como pensador por vocação, mas também como crítico, argumentador e cientista, evidenciando um *ethos* discursivo profundamente marcado pelas circunstâncias sócio-históricas do século XIII. Sua atuação urbana e seu empenho em compreender os aspectos divinos são retratados e preservados na *Ystoria sancti Thome de Aquino* (1319-1323), biografia escrita por Guilherme Tocco, seu principal biógrafo. Por meio dessa narrativa, o *ethos* tomista ganha contornos ativos e engajados nos debates teológicos e políticos da época, reafirmados pelo fato de Tomás ter falecido a caminho do Concílio Geral de Lyon, em 1274.

Um exemplo marcante da atuação religiosa de Tomás de Aquino pode ser visto em sua contínua defesa do dogma cristão, característica central do *Doctor Angelicus*. Tal postura se reflete em suas principais obras, especialmente na *Summa contra gentiles*, composta com o propósito de confrontar os equívocos daqueles que professam doutrinas contrárias à Verdade cristã, os chamados gentios. Nesse cenário, o discurso do *Aquinate* mostra-se incisivo ao combater divergências dogmáticas, ao classificar os gentios como “[...] falsos, como supuseram os maniqueus e diversos infiéis, tudo o que se afirmar de Deus, ainda que a razão possa compreendê-lo” (*SCG*, Livro I, Cap. III, 7)¹⁰. Dessa citação percebemos uma nítida associação com os discursos heterodoxos dos primeiros tempos e que foram combatidos pelos Pais da Igreja.

Um outro exemplo da defesa do dogma cristão por Tomás de Aquino foi seu posicionamento contrário aos Averroístas, que sustentavam a ideia de que o intelecto humano seria numericamente único, uma só realidade para todos os indivíduos, e inteiramente separado das almas. Para enfrentar tal visão, Tomás escreveu o *De unitate intellectus contra Averroistas*, obra composta por duas partes. Na primeira, abrangendo os capítulos 1 e 2, ele discute o *De anima* de Aristóteles, buscando desqualificar a

¹⁰ No original: “[...] *quamvis ratione investigare non possit, statim quase falsum abiiciendum est, ut Manicheai et plures infidelium putaverunt*” (*SCG*, Livro I, Cap. III, 7). Tradução livre.

interpretação que Averróis havia feito do pensamento aristotélico. “Assim, no capítulo 3, Tomás de Aquino rebate a tese de que o intelecto é uma substância separada da alma humana. No capítulo 4, refuta a ideia de que existe um único intelecto receptivo dos inteligíveis para todos os homens” (Nascimento, 2015, p. 187).

Em razão de sua constante dedicação e defesa do dogma cristão, o processo de canonização de Tomás de Aquino destacou relatos sobre suas virtudes, milagres e sua *fama publica*. Assim, o *Aquinate* foi reconhecido como um pensador distinto dos renascentistas que o sucederam, pois sustentava que o exercício intelectual não deveria ser restrito, mas realizado coletivamente, inserido na vida cotidiana e voltado para uma formação ética dos futuros mestres da sociedade. Suas reflexões, apresentadas nas *quaestiones* da *Summa Theologiae*, expressam seu pensamento como sujeito cristão do século XIII.

Em resumo, com uma identidade marcada pela atuação e firmeza na defesa da ortodoxia cristã, Aquino circulou por diversos âmbitos da sociedade medieval, desempenhando funções como conselheiro na cúria papal romana, junto à corte do Papa Urbano IV (1195-1264), e atuando como mestre escolástico em Universidades Medievais e nos *studium generale* por onde passou. Portanto, é analisando seus discursos e as condições sócio-históricas às quais esteve vinculado que se compreende a formação do *ethos* discursivo cristão do *Aquinate*. Importa destacar que, ao mesmo tempo em que esse discurso contribui para a construção de um contexto, ele também é influenciado por essas condições, podendo transformá-las durante o processo de enunciação. Afinal, tanto os discursos quanto os comportamentos são orientados por normas sociais específicas. Desse modo, o discurso, a palavra e a enunciação permeiam relações de poder, buscando, no imaginário e nas representações de emissores e receptores, consolidar regras, normas e valores, bem como forjar uma identidade a ser seguida. Assim, compreender as condições sócio-históricas em que o *Doctor Angelicus* esteve inserido foi fundamental para identificar a construção de seu *ethos* discursivo cristão.

Ao discutirmos tais condições sócio-históricas de produção, do mesmo modo, analisamos as formações discursivas as quais envolveram a vida de Aquino, atentos aos desdobramentos de sentidos que podem ocorrer, como a resignificação de Aristóteles em seus escritos, em que a epistemologia e memória discursiva aristotélica foi resignificada pela condição histórica de produção vivida pelo *Aquinate*. Nessa análise

o aparato teórico-metodológico da AD nos possibilitou esse diálogo interdiscursivo entre o discurso religioso e filosófico o faz emergir, nas particularidades das produções do discurso, os dados sócio-históricos que se consolidaram na textualidade da *Summa Theologiae*. Nesse sentido, a AD nos propiciou essa análise posto que adota o caráter da interdisciplinaridade, pela possibilidade de agrupamento das pesquisas do campo da Teologia, da Filosofia, da Sociologia e da História em uma só análise.

Conforme os fundamentos da Análise do Discurso (AD), o discurso de Tomás de Aquino é entendido como um discurso constituinte, pois não se limita à mera transmissão de ideias. Ele organiza, por meio de seus mecanismos enunciativos, tanto a construção textual quanto o espaço institucional, conferindo legitimidade à própria instituição que o possibilita (Maingueneau, 2015, p. 143). Esse discurso, além de validar a cena de enunciação, autoriza e legitima sua própria atuação, desempenhando papel central na formação da identidade do sujeito cristão, que é o foco desta pesquisa.

Por fim, dentre os múltiplos temas abordados pela *Summa Theologiae*, voltamos à discussão sobre fé e razão, já mencionada anteriormente. No início dessa obra, Aquino encerra o alegorismo cósmico e inaugura um discurso racional acerca do Criador. Para o *Doctor Angelicus*, o significado espiritual do texto ultrapassa a compreensão alegórica, visto que “[...] as coisas da lei antiga significam as da nova” (*ST, I^a, q. 1, a. 10*). Por esse motivo, há uma retomada dos discursos cristãos dos primeiros séculos. É importante destacar que, na Idade Média, alegoria e símbolo apresentam proximidades e sobreposições de sentido, sendo frequentemente tratados como equivalentes. Nesse contexto simbólico, ambos se complementam e se encaixam perfeitamente, pois “[...] tudo se corresponde e as contas são exatas” (Eco, 1989, p. 75).

Na Idade Média, é o símbolo o elemento que concretiza o discurso racional, tendo a tradição cristã como fio condutor desse imaginário, conferindo sentido à existência para aqueles homens. Desse modo, a constituição da identidade cristã só pode ser plenamente compreendida sob essa perspectiva: o ser humano é marcado por uma dupla simbologia, criado à imagem e semelhança de Deus (*Gênesis 1:26-27*), mas privado da justiça original em consequência do pecado original (*ST, I^a-II^{ae}, q. 81 a. 2; ST, I^a-II^{ae}, q. 85 a. 3*), situação em que todas as potências da alma se encontram sem a ordem racional.

Portanto, ao considerar o papel do símbolo e da tradição cristã na formação da identidade do ser humano na Idade Média, é possível perceber como essas reflexões

fundamentaram a atuação de Tomás de Aquino em diversos âmbitos sociais e educacionais, assim como na construção de seu *ethos* discursivo. Sua compreensão da condição humana, pautada pela simbologia cristã e pelo diálogo entre fé e razão, preparou terreno para as contribuições decisivas que ele ofereceu à sociedade de seu tempo.

Em síntese, o *ethos* discursivo de Tomás de Aquino caracteriza-se pela articulação entre a tradição cristã, o pensamento filosófico e as condições sócio-históricas de seu tempo. Sua postura enquanto mestre escolástico evidencia uma constante busca pela integração entre fé e razão, na qual o ensino e a contemplação são caminhos para a Verdade e para a formação ética do ser humano. Ao valorizar o sensível e o concreto, Aquino defende uma educação orientada para o desenvolvimento das virtudes morais, sem abrir mão da dimensão espiritual e da transcendência. Sua atuação, permeada pelo diálogo com diferentes correntes intelectuais e pela defesa da ortodoxia cristã, revela um *ethos* ativo, comprometido com a formação de sujeitos capazes de agir eticamente em sociedade e de buscar, por meio do conhecimento e da prática, a plenitude humana e a participação no divino. Assim, o discurso de Tomás de Aquino permanece como referência para a compreensão da identidade cristã e do papel do educador na tradição filosófico-teológica ocidental.

Considerações finais

Ao analisarmos o percurso de Tomás de Aquino, evidencia-se que a sua atuação como educador e pensador foi profundamente alicerçada na articulação entre fé e razão, característica distintiva da Escolástica. A solidez da sua formação acadêmica na Universidade de Nápoles, o contato determinante com o pensamento aristotélico e a opção pela Ordem dos Dominicanos foram elementos centrais que consolidaram o seu papel no ensino e reflexão medievais.

A *Summa Theologiae* traduz, de forma exemplar, esse itinerário, ao revelar como Aquino assimilou e reinterpretou, de modo didático, os discursos fundadores do cristianismo, tornando-se uma referência incontornável para as gerações subsequentes. Assim, compreender as escolas e os caminhos trilhados por Aquino é fundamental para apreender não apenas o seu método, mas sobretudo o legado duradouro que deixou à tradição intelectual cristã e ao universo educativo medieval.

Nascido em 1225, no sul de Itália, Tomás de Aquino foi desde cedo encaminhado pela família nobre para a vida religiosa. A sua formação inicial no mosteiro de Monte Cassino e, posteriormente, na Universidade de Nápoles, proporcionou-lhe contato direto com mestres e o pensamento aristotélico, influências decisivas na sua trajetória intelectual.

O movimento neoaristotélico e o estudo aprofundado das obras de Aristóteles imprimiram marca indelével ao método e conteúdo do seu ensino. A adesão à Ordem dos Dominicanos representou uma rutura face às expectativas familiares, inserindo-o no contexto das Ordens Mendicantes, que visavam renovar a espiritualidade e propor novas abordagens educativas. Como mestre escolástico, lecionou em universidades de referência, como Paris e Colônia, e produziu obras basilares, entre as quais a *Summa Theologiae* e a *Summa contra gentiles*, que consolidaram o método escolástico e legitimaram a integração entre fé e razão no meio académico.

Ao longo da sua vida, Aquino enfrentou controvérsias académicas e religiosas, nomeadamente com mestres seculares e averroístas, mantendo, porém, a defesa intransigente da compatibilidade entre o ensino universitário e os valores das Ordens Mendicantes. A sua produção intelectual abrangeu temas centrais da teologia cristã, ética, filosofia e identidade humana, procurando sempre conciliar a tradição com a inovação. O *ethos* tomista construiu-se pela interação dinâmica entre elementos filosóficos, teológicos e sócio-históricos, legitimando a sua atuação como mestre, pensador e defensor da ortodoxia cristã. A sua obra reflete uma identidade forjada pelo diálogo entre fé e razão, entre contemplação e ação, entre tradição e renovação.

Em síntese elucidativa, a trajetória de Tomás de Aquino culmina com a sua canonização e reconhecimento como Doutor da Igreja, atestando o impacto profundo e duradouro do seu legado sobre a tradição intelectual cristã, o sistema educativo medieval e a construção da identidade do sujeito cristão. Ao integrar fé e razão, renovar práticas educativas e religiosas e promover um diálogo interdisciplinar, Aquino consolidou um modelo de pensamento que transcende o contexto medieval, mantendo-se atual e inspirador na reflexão filosófica, teológica e educacional. Deste modo, compreender Tomás de Aquino é compreender as raízes e a evolução da tradição ocidental, reconhecendo nele um guia para o pensamento ético, científico e espiritual até aos nossos dias.

Referências

- AGOSTINHO DE HIPONA. *O livre-arbítrio*. Tradução, organização, introdução e notas de Ir. Nair de Assis Oliveira, São Paulo, Paulus, 1995.
- AGOSTINHO DE HIPONA. *Cidade de Deus*, vol. II. Tradução B. Dombart e A. Kalb. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz; Fabiana Komesu e Sírío Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*: ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2005. 3 V.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Paulus, 1994
- BOVETO, Lais; OLIVEIRA, Terezinha. *A potencialidade na filosofia da educação antiga e medieval*. Educação e Filosofia, v. 35, n. 7, p. 1-34, 2021.
- CALVÁRIO, Patrícia. *O lugar da pobreza no pensamento de Boaventura de Bagnoregio*. Mediaevalia - Textos e Estudos. Porto, 30, p.89-126, 2011.
- CÍCERO. *De Oratore*. Book I, II. Translation by E. W. SUTTON. Massachusetts: Harvard University, 1967.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. Trad. Fabiana Komesu; Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2016.
- COELHO, Bruno Alves. *O intelectual da Idade Média Central: escolástico, urbano, universitário e humanizado - uma aproximação história dos estudos no século XIII*. Revista Temporalidades, v. 11, n. 3, p. 360-387, 2019.
- DE BONI, Luis Alberto. *Estudos sobre Tomás de Aquino*. Pelotas: NEPFIL Online, 2018.
- ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética Medieval*. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

Fílon de Alexandria. *De somniis*. Trad. para o francês e introdução por Pierre Savinel, Paris, Cerf, 1962c. Les œuvres de Philon d’Alexandrie, v. 19. [Edição bilíngue grego/francês.]

Fílon de Alexandria. *De plantatione*. Trad. para o francês e introdução por Jean Pouilloux, [Edição bilíngue grego/francês.], Paris, Cerf, 1963c. Les œuvres de Philon d’Alexandrie, v. 10. [Edição bilíngue grego/francês.].

Fílon de Alexandria. *De confusione linguarum*. Trad. para o francês e introdução por J. G. Kahn, Paris, Cerf, 1963d. Les œuvres de Philon d’Alexandrie, v. 13. [Edição bilíngue grego/francês.].

FORTES, Carolina Coelho. *Gênero e Identidade*. In: VIEIRA, Ana Livia B; Zierer, Adriana: História Antiga e Medieval: rupturas, transformações e permanências: sociedade e imaginário. São Luis: UEMA, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1970.

FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: Michel Foucault. Ditos e Escritos, vol. V. Organização e seleção dos textos: Manoel Barros de Mota. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GATT, Pablo. *Conhecendo Tomás de Aquino: breves apontamentos sobre vida e obras*. Revista História e Cultura, v. 09, n. 1, p. 383-398, 2020a.

GILBERT, Paul. *Introdução à teologia medieval*. São Paulo: Loyola, 1999.

LAUAND, Jean. *Tomás de Aquino: filosofia e pedagogia*. Acta Scientiarum, v. 34, n. 1, p. 11- 18, 2012.

LE GOFF, Jacques. *Os Intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Escritos de Filosofia IV – Introdução à Ética Filosófica 1*. São Paulo: Loyola, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *Analizando discursos constituintes*. Tradução: Nelson Barros da Costa. Revista do Gelne, v. 0, n. 2, p. 1-12, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos*. Trad. Sírío Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. *O que pesquisam os analistas do discurso?* Revista da Abralin, v. 14, n. 2, p. 31-40, 2015.

NASCIMENTO, Carlos Arthur do. *A unidade do Intelecto contra Averróistas de Tomás de Aquino*. Poliética, v. 3, n. 2, p. 185-193, 2015.

OLIVEIRA, Terezinha. *A Escolástica como Filosofia e Método de Ensino na Universidade Medieval: uma reflexão sobre o Mestre Tomás de Aquino*. Notandum, v. 32, p. 37-50, 2013.

SANTOS, Zilda Andrade Lourenço dos. *O discurso constituinte como determinante no uso de tópoi e argumentos retóricos na construção das epístolas de Sêneca e Paulo*. 2017a, 335f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

SILVA, Antonio Wardison; TEIXEIRA, Cézar. Premissas do pensamento ético de Tomás de Aquino. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, v. 5, n. 7, p. 32-45, 2011.

TEIXEIRA, Igor Salomão. O intelectual na Idade Média: divergências historiográficas e proposta de análise. *Revista Diálogo Mediterrânicos*, n. 7, p. 155-173, 2014.

TOMAS DE AQUINO. *Suma contra os gentios*. Trad. de Odilão Moura. Porto Alegre: EST/SULINA/UCS, 1990. v. 1.

TOMÁS DE AQUINO. *Summa Theologiae*. 2º ed., Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.

TORREL, Jean-Pierre. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e obra*. São Paulo: Loyola, 1999.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Escrito de Filosofia III – Filosofia e Cultura*. Loyola, 1986.

VICENTE, José João Neves Barbosa. *Tomás de Aquino: o ente e a essência como concebidos primeiro pelo intelecto*. Griot: Revista de Filosofia, v. 9, n. 1, p. 181-190-2014.

WEISHEIPL, James. *Friar Thomas D'Aquino: his life, thought and word*. Nova York: Doubleday, 1974.